

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARINE VANESSA UEDA GONÇALVES

OFICINAS FILOSOFIA E ARTE

MATINHOS-PR

2025

MARINE VANESSA UEDA GONÇALVES

OFICINAS FILOSOFIA E ARTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pós-Graduação de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação no Setor de Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Alternativas para uma Nova Educação.

Orientador: Prof. Dr. Valentim da Silva.

Coorientador(a): Prof^ª. Ivone Rodrigues Macena Barrosi.

MATINHOS-PR

2025

RESUMO

Esse trabalho visa o estudo de estratégias de educação que sejam mais envolventes com os (as) estudantes, gerando experiências transformadoras como práticas de autoconhecimento, intervenção social e união comunitária. Assim, busca-se compreender e executar diferentes práticas educativas que deem protagonismo aos indivíduos, bem como autonomia e criatividade para identificar problemas sociais e formar soluções coletivas através de atitudes, de modo a transformar o ambiente a partir da realidade de cada um e formar cidadãos ativos.

Palavras-chave: Educação Alternativa; Arte Educação; Oficinas Filosofia.

Abstract

This work aims to study education strategies that are more engaging with students, generating transformative experiences such as practices of self-knowledge, social intervention and community unity. Thus, we seek to understand and execute different educational practices that give protagonism to individuals, as well as autonomy and creativity to identify social problems and form collective solutions through attitudes, in order to transform the environment based on each person's reality and form citizens' assets.

Keywords: Alternative Education; Art Education; Philosophy Workshops.

INTRODUÇÃO

A pergunta inicial do projeto foi “Como gerar experiências significativas no campo da educação, trazendo reflexões filosóficas por meio da arte e da cidadania ativa?”, tendo em vista que vivemos em um contexto do pós-modernismo, no qual os grupos se veem mais fragmentados, apáticos e menos participativos dentro de seu papel cidadão. Ao sermos bombardeados pelo volume constante de estímulos e informações recebidos a todo momento, graças ao avanço da tecnologia, cria-se a necessidade de uma estratégia educativa que permita relacionar conhecimento com sabedoria, através de experiências geradoras de um saber do qual o indivíduo possa se apropriar, sem ser mero reprodutor de informações memorizadas e depois esquecidas. Assim, tanto a filosofia quanto a arte exercem um papel fundamental de reflexão, sensibilização e criação cultural, acessando as raízes do conhecimento, da

curiosidade e da indagação, pilares daquilo que nos move no mundo. Arte e filosofia promovem um acesso lúdico e profundo, dando sentido e significado para as vivências e para a realidade local de cada um.

2 JUSTIFICATIVA DO PROJETO

Com a participação e envolvimento local, é possível criar e contar narrativas, diálogos e reflexões. O formato das oficinas é um método no qual as vivências e o experimentar recebem destaque, valorizando o sentir, o pensar e o agir, não sendo uma educação passiva e apenas informativa. Esse modo de construção de vivência permite que os momentos possam acontecer de forma muito livre e espontânea, de acordo com cada pessoa e grupo envolvidos, trazendo dentro da experiência formas de expressão corporal, a identidade individual e coletiva, socialização e reflexão.

A filosofia aplicada é traduzida na própria vivência em sua expressão de curiosidade, troca e questionamento. Ela é apreendida na experiência, dando sentido ao que somos e ao que nos acontece. Diferente do ensino tradicional, que dá enfoque às respostas memorizadas e ao acúmulo de informação, a filosofia vivenciada gera conhecimento, saber. Para construir saberes é preciso criar os espaços do não saber, das dúvidas, da distância, e do tempo que certas questões pedem, difíceis de serem traduzidas e compreendidas quando não vivenciadas e sentidas.

Quando se permite a construção dessas vivências, nos tornamos conscientes das nossas narrativas e do nosso lugar no mundo. E, é a partir destas revoluções internas que podem surgir as mudanças sociais.

3 DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

O projeto inicial visava a construção de oficinas de modo a realizar espaços de Zonas Autônomas Temporárias, termo desenvolvido por Hakim Bey, segundo o qual seria possível a transformação social por meio de espaços que escapariam às formas estruturais de controle, construídas sem a intenção da permanência que geraria sistemas estruturados, reprodutores do controle e aniquiladores da criatividade e da autonomia. A partir desta ideia, entende-se que a construção de uma educação por meio de vivências pode ser levada a diferentes espaços, seja a

escola-escola, seja a escola rua, respeitando as particularidades de cada grupo, território e momento presente, sem a preocupação burocrática e travada da educação tradicional que pouco se modifica ao longo dos anos.

Parte do projeto foi desenvolvido junto ao Movimento Social de Trabalhadoras e Trabalhadores por Direitos (MTD), em Curitiba/PR, no bairro Cajuru, onde está localizada a ocupação Nova Esperança, que atualmente luta pela regularização imobiliária e sofre o risco de despejo. Por meio de algumas frentes de trabalho a comunidade tem se organizado para se unir e promover ações que beneficiem a região, entre elas foi organizado um teatro comunitário com as crianças e jovens da região. O local cedido para os encontros semanais foi a casa de um dos moradores, e lá desenvolvemos coletivamente a arte educação, trabalhando movimentos e conscientização corporal, construção de narrativas e apreensão de direitos, como o de moradia, alimentação, lazer e cultura.

O grupo foi formado por cerca de trinta jovens de 3 a 16 anos, e cerca de 3 voluntários facilitadores dos encontros. Nesse processo a diferença de idade se demonstrou tanto um desafio, quanto um ponto crucial do projeto, pois nesse espaço foi possível uma aprendizagem coletiva, na qual todos tinham voz e papel, de acordo com o que traziam de si, respeitando as diferenças de cada um. Realizamos uma apresentação durante o “Grito dos Excluídos”, manifestação popular que ocorre no feriado pátrio de sete de setembro com o objetivo de denunciar a exclusão social.

Para realizar a apresentação fizemos encontros com o objetivo de entender quais eram os direitos daquele grupo e quais poderiam estar sendo violados, através de rodas de conversa e a criação de falas de denúncia para o ato. Cada um contribuiu também com a criação de movimentos de dança para executar no dia.

Também praticamos a criação de uma narrativa coletiva para uma peça de teatro, momento em que pudemos entender a forma como surgem conflitos, refletir formas de expressar sentimentos em relação a eles, fatores que nos motivam em direção a certo objetivo e as atitudes que podem surgir a partir daí. Nesse processo foram trazidas diversas situações cotidianas pelas quais tais jovens passam de forma lúdica e representativa, levando a percepção de coletividade, mesmo dentro da individualidade de cada um.

O projeto segue em desenvolvimento e a cada encontro percebemos um grupo mais unido e participativo em relação à comunidade. No dia das crianças

esses jovens ajudaram na organização do evento e também participaram de uma batalha de rima, onde foi possível trazer o discurso de cada um em destaque.

O segundo espaço de desenvolvimento do projeto foi através do meu trabalho como educadora social dentro da ONG Projeto Pescar, que oferece o curso “Desenvolvimento pessoal e cidadão para o mundo do trabalho”, com duração de seis meses, para jovens em situação de vulnerabilidade social. O curso é oferecido em Pinhais dentro de uma empresa, no contra turno escolar, de forma presencial três vezes na semana. Nesses encontros é possível uma abordagem de diferentes temas com certa autonomia por parte do educador.

Na construção dessa aprendizagem foram trazidos diversos voluntários para trabalhar temas específicos como saúde, participação social, empreendedorismo, moda e sustentabilidade. Buscou-se também uma aprendizagem participativa, por meio de rodas de conversa, debates, jogos, teatros, vivências externas, e atividades de leitura e escrita voltadas ao autoconhecimento.

Entendendo que a educação não é uma via de mão única, os jovens traziam seus temas de interesse e participaram da construção dos planejamentos, além de realizar pesquisas e apresentar os conteúdos escolhidos uns aos outros por meio das ferramentas que eles próprios escolheram. Justifica-se esse método na concepção de que para desenvolver a autonomia, a liderança e o interesse genuíno é necessário o espaço da liberdade.

Além disso, buscou-se que os conteúdos tivessem sempre atividades práticas por meio de experiências, na medida em que elas trazem significado e criam memórias, o que de fato produz conhecimento. Um exemplo foi a realização de oficinas de Lambe-lambe, aliadas a diversas rodas de conversa sobre participação social. Através da arte urbana e da reflexão dos problemas sociais que os jovens identificavam, foram produzidas colagens e cópias delas para serem fixadas no espaço público ao redor do local do projeto. Surgiram produções que denunciavam temas como violência policial, assédio contra a mulher e o uso de drogas, além de colagens voltadas à motivação e ao desejo de trazer um dia melhor para as pessoas que passavam nas ruas.

Vários dos jovens que participam do projeto estudam em escolas estaduais recém transformadas em escolas cívico-militares e demonstraram durante as rodas de conversa insatisfação com a mudança. Desse modo, utilizaram a arte para

expressar seus pensamentos e alcançar o território, já que várias dessas escolas se encontram ao redor de onde foram feitas as colagens.

Ao ser trabalhada a inclusão social, realizamos jogos como o “Jenga”, no qual devem ser empilhadas peças em uma torre cuidando para que as peças não desabem. Criamos regras diferentes para o jogo, de modo a reproduzir certas limitações físicas, como não poder falar, enxergar ou usar alguma das mãos, compreendendo de forma real a necessidade de adaptar movimentos e espaços de acordo com as particularidades de cada pessoa. Também entendeu-se a partir dessa experiência como é fundamental o trabalho coletivo, enxergando uns aos outros, pois vivemos em conjunto e dividimos os mesmos espaços, sendo impossível para o ser humano viver sozinho e sem, em algum momento, depender um dos outros.

4 A FILOSOFIA DENTRO DOS PROJETOS

A filosofia trouxe a base das perguntas motivadoras das ações realizadas. Assim, era sempre se questionado o porquê de estarmos fazendo o que fazíamos, qual verdade estávamos perseguindo, e demandado a si mesmos qual moralidade nos refletia e o que seria ético dentro das escolhas feitas por nós, a partir da liberdade concedida dentro dos espaços do projeto. Nas rodas de conversa propunham-se sempre provocações, de modo a nos retirar de zonas de conforto e questionar a verdade daquilo que acreditamos. Assim, tanto o autoconhecimento e a reflexão eram trabalhados em cada atividade, bem como a comunicação e a problematização daquilo que era trazido ao coletivo.

Por meio da troca de saberes e vivências se percebiam quais estruturas fundamentavam nosso ser, nossos valores, comportamentos e crenças, limitantes ou não.

Diferente de uma história da filosofia ou do estudo de teses e conceitos já definidos, a filosofia praticada nas oficinas era de construção conjunta de conhecimentos a partir daquilo que a realidade que nos cercava trazia.

Compreendia-se, desse modo, que todos envolvidos na experiência são participantes ativos do conhecimento construído, seguindo as bases filosóficas e pedagógicas do educador Paulo Freire, segundo o qual, o papel da educação é político, libertando os indivíduos através da “consciência crítica, transformadora e

diferencial, que emerge da educação como uma prática de liberdade”, ou seja, incentivadora da criticidade do ser.

A experiência como recurso fundamental de uma educação transformadora, dentro do modelo de oficinas de arte e filosofia teve também como inspiração o autor e pedagogo Jorge Larrosa Bondía, que traz em seu artigo “Notas sobre a experiência e o saber da experiência” a diferença entre o pensar e o receber informações:

“(…) pensar não é somente “raciocinar ” ou “calcular ” ou “argumentar ”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. (...) A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Em primeiro lugar pelo excesso de informação. A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência. Não deixa de ser curiosa a troca, a intercambialidade entre os termos “informação”, “conhecimento” e “aprendizagem”. Como se o conhecimento se desse sob a forma de informação, e como se aprender não fosse outra coisa que não adquirir e processar informação. Depois da informação, vem a opinião. No entanto, a obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça. (...) A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. Em qualquer caso, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “exposição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimentar). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova.

Outra autora que inspirou o projeto foi a professora Marina Santi que escreveu o artigo “*Jazzing philosophy with children*”. *An improvising way for a new*

pedagogy.”, em que propõe uma reflexão profunda sobre a relação entre a filosofia e a improvisação, usando o *jazz* como uma metáfora poderosa para compreender a prática filosófica. Ao comparar o ato de filosofar com a liberdade e criatividade do jazz, a autora sugere que, assim como no *jazz*, uma filosofia deve ser dinâmica, aberta ao inesperado e à adaptação contínua. A ideia de improvisação é central, desafiando a visão tradicional de um pensamento filosófico rigidamente estruturado. Nesse contexto, a filosofia não é vista como um sistema fixo de verdades, mas como um processo fluido de questionamento e descoberta, no qual cada pensamento é uma nova "melodia" que se desenvolve em interação com o ambiente e as ideias alheias.

Por fim, outro estudo que embasou o projeto foi o texto “Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação”, por Chris Bigum e Bill Green. No texto é trazida a metáfora de "alienígenas" sugerindo que os estudantes se sentem estrangeiros dentro de um sistema que não considera suas individualidades, experiências e perspectivas. O autor propõe uma reavaliação das práticas pedagógicas, enfatizando a necessidade de um ensino mais inclusivo, que valorize as diversidades culturais, sociais e emocionais dos alunos. Em vez de uma abordagem interativa e mecânica, o texto sugere que a educação deve ser um espaço de descoberta, diálogo e troca, onde o aluno é visto como um agente ativo no processo de aprendizagem.

O estudo propõe ainda uma reconfiguração do papel do educador, que deixa de ser apenas um transmissor de conhecimento e passa a atuar como mediador, facilitador e provocador do pensamento crítico. Ao perceber os estudantes como "alienígenas", o texto nos convida a repensar o currículo, não como um conjunto fixo de informações, mas como um campo dinâmico e aberto à experimentação e à adaptação às realidades do indivíduo. A proposta é que o ensino se torne um processo mais interativo, no qual o estudante não apenas adquira saberes, mas também desenvolva habilidades para questionar, contextualizar e transformar a sociedade ao seu redor. Nesse sentido, a abordagem sugerida é radicalmente mais humanista e dialógica, buscando sempre um espaço em que todos possam se sentir valorizados e integrados ao processo educativo, superando o isolamento imposto pelas estruturas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou verificar a experiência educativa como prática. Desafiador, pois abre margem para espaços novos, do imprevisto, das particularidades e expectativas de cada um, com todas as complexidades das diferentes formas de comunicação. Mas é justamente nesse espaço onde os aprendizados vão se concretizando, cada indivíduo se tornando consciente de si através do outro, a partir da troca. Esse mesmo espaço, das diferenças, dos encontros e das dúvidas é o espaço da expressão da filosofia, em que a curiosidade e a busca por respostas formam o processo de aprendizagem. No papel de educadores somos igualmente provocados e mediamos as discussões e trocas que acontecem, participando daquilo que é trazido sem a imposição de uma única forma de ensinar e aprender. Do mesmo modo, a arte como ferramenta educativa mostrou-se durante a execução das oficinas uma forma engajante e rica para trazer as subjetividades de cada um ao momento vivido, pois trouxe a forma de expressão individual sobre algo ao coletivo. Por fim, o projeto demonstrou a necessidade da criatividade constante para abarcar as particularidades de cada oficina e cada grupo, bem como estamos condicionados a certa forma de ensinar e aprender que exige um cuidado e atenção muito presente para que não nos coloquemos na posição costumeira do ensino passivo em que os educandos tornam-se apenas receptores. A partir do momento em que se abrem os espaços para autonomia, a liberdade e a criatividade são notáveis as diferenças nas trocas entre todos, com cada um devendo assumir mais responsabilidade, atitude e participação na construção daquele momento. Nesse caminho da educação participativa há muito que ser aprendido e desconstruído, mas assim como propôs-se o projeto, a prática torna esse aprendizado mais sólido e realizável.

REFERÊNCIAS

BEY, Hakim. **(ZAT) Zona Autônoma Temporária**. Trad. Patricia Decia e Renato Rezende, Coletivo Sabotagem, 2004. Disponível em: <https://midiatatica.desarquivo.org/2002-2005/taz/>. Acesso em: 17 mai. 2024.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 2009. Paz e Terra. 148p.

GREEN, B./ BIGUN, Chris. **Alienígenas na sala de aula**. In.:SILVA, Tomaz Tadeu da. Alienígenas na sala de aula. Uma introdução aos estudos culturais em educação.Petrópolis, RJ.: Vozes, 1995,p. 208-243.

KELLNER, Douglas. **Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna**. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da. (or9.). Alienígenas na sala de aula. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1995.

SANTI, Marina. **Fazendo filosofia na sala de aula como atividade comunitária: uma abordagem histórico-cultural**. Infância e filosofia: Vol. 10 Nº 20 (2014): julho/dez. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/childhood/issue/view/1184>. Acesso em: 17 mai. 2024

Santi, Marina. (2017). **Jazzizando filosofia com crianças. um caminho improvisado para uma nova pedagogia**. Infância e Filosofia , 13 (28), 631–647. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/childphilo.2017.30038>. Acesso em: 17 mai. 2024.